

COMUNICADO SOBRE NOSSA SAÍDA DA CAB

OASL | FARJ | COMPA | RUSGA LIBERTÁRIA

Comunicamos que, depois de um longo processo de discussão – que envolveu toda a Coordenação Anarquista Brasileira (CAB) e a Coordenação Anarquista Latino-Americana (CALA) –, a **Organização Anarquista Socialismo Libertário (OASL, de São Paulo)**, a **Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ)**, a **Rusga Libertária (RL, de Mato Grosso)** e o **Coletivo Mineiro Popular Anarquista (COMPA, de Minas Gerais)** tomaram a decisão de sair da CAB.

Apesar de estar se dando de modo respeitoso, essa separação reflete diferenças políticas significativas e visões que, neste momento, consideramos inconciliáveis. O motivo central de nossa saída tem a ver com o balanço que fazemos dos últimos anos da CAB e, também, dos caminhos que entendemos serem necessários para o próximo período de desenvolvimento das lutas sociais e do anarquismo organizado brasileiro. Entendemos que, enfim, é hora de superar o status de coordenação e fundar uma organização política anarquista nacional.

O especificismo brasileiro sempre teve como projeto a fundação de uma organização nacional. A primeira tentativa foi a Organização Socialista Libertária (OSL), que funcionou entre 1997 e 2000. Contudo, não deu certo, já que foi construída de maneira apressada e sem a devida maturidade dos estados e sua militância. A maior conquista desse primeiro processo foi o impulsionamento das experiências estaduais da Resistência Popular (RP), iniciadas em 1999. Foi a partir delas que voltamos a reinvestir no processo político e organizativo, dessa vez, com muito mais calma, **fundando, em 2002, o Fórum do Anarquismo Organizado (FAO)**. Abrimos mão daquela unidade pretendida na OSL e passamos a reunir indivíduos, grupos e organizações em torno apenas do acordo com dois eixos: **necessidade de organização e necessidade de trabalho social (de massas)**.

Como em qualquer processo de construção política, ocorreram os momentos de desacordos, tensões, conflitos e cisões internas. Com a saída da atual União Popular Anarquista (UNIPA) e o fim do Luta Libertária (LL) / Organização Socialista Libertária de São Paulo (OSL-SP), o FAO começou a se renovar internamente a

partir de 2009, com a reaproximação da FARJ e de um conjunto de organizações estaduais que haviam se formado sob sua influência e até mesmo com a presença de seus militantes. Todas as organizações dessa rede ingressaram no FAO a partir de 2009; as iniciativas estaduais mais consolidadas (RJ, SP, CE, PR, SC) e outras que iniciavam sua articulação (MG, PE, uma nova reconstrução na BA, entre outros). Nesse processo todo, até a junção com os novos estados consolidados e em articulação, foram muito importantes alguns estados que estiveram (primeira formação na BA e uma articulação em GO) e outros que permaneceram no FAO (especialmente RS, AL e MT), os quais desempenharam protagonismo. **Essa fusão permitiu os grandes avanços que culminaram na fundação da CAB, em 2012.**

A proposta, naquela ocasião, era dar um passo rumo à **organização nacional**. Saíamos da organicidade de um fórum (espaço para troca de informes e realização de tarefas em comum) para uma coordenação (articulação nacional de organizações estaduais). Nessa nova etapa, estabelecemos que **construiríamos uma organização nacional no médio prazo para fortalecer a luta ideológica e social no Brasil. Queríamos ir unificando as concepções e os processos para, em médio prazo, formar uma organização política anarquista nacional**. Essa necessidade de unificação era um desafio complexo, pois o FAO e a rede que se construiu em torno da FARJ remetiam à lógica dos “grupos orgânicos”, proposta no documento “Luta e Organização”, de 1996. Havia, naquele momento, uma pluralidade de concepções e realidades, que fomos homogeneizando a partir de 2009, num movimento que teve continuidade ao longo dos primeiros anos da CAB. **Ainda que todos os estados defendessem o especificismo e suas linhas gerais, haviam muitos outros aspectos que necessitavam ser homogeneizados, tanto em termos ideológicos e teóricos, quanto em termos estratégicos e programáticos.**

Conseguíamos, até aquele momento, caminhar em nosso projeto, aprofundar a organicidade e os trabalhos sociais, mantendo esse horizonte de uma organização nacional que vinha sendo construída. Diversos aspectos estavam se desenvolvendo e avançando, ainda

que parcialmente, na direção da mencionada unidade nacional, consolidando uma nova etapa do nosso projeto organizativo.

Entretanto, há aproximadamente quatro anos, nossas organizações passaram a ver esse movimento de maneira mais crítica, algo que foi se aprofundando e chegou a seu ápice no II CONCAB, de 2021, sediado em São Paulo. **Nossa maior crítica é que, de maneira geral, os avanços da CAB haviam se interrompido e estavam se fortalecendo, na coordenação, aquilo que chamamos de “caminhos inconciliáveis” – nos termos que intitularam o próprio documento que iniciou a desvinculação de nossa Regional da CAB – para entender teoricamente o anarquismo e colocá-lo em prática.**

As críticas que fizemos à CAB foram diversas, e formalizadas nesse documento. **Não é nosso intuito retomar o que foi ali colocado.** Basta apontar que o aspecto central de nossa crítica é que, em nossa região (Sudeste/Centro-Oeste), já estávamos funcionando como uma organização política regional, unificando processos, concepções, linhas etc. **Entendíamos ser necessário seguir para a nacionalização, conformando, enfim, a organização nacional que estava em nosso projeto, desde 2012.** No entanto, para que isso fosse possível, era necessário solucionar o problema dos “caminhos inconciliáveis” que existiam dentro da CAB, os quais passavam por três grandes aspectos: 1.) Concepção de organização política anarquista; 2.) Linha e prática política; 3.) Linha teórica e ideológica. **É importante colocar que, para nós, essas críticas também foram apontadas como autocríticas, já que estávamos participando do processo organizativo, tínhamos também responsabilidade nos problemas que apontávamos.**

Contudo, em nossa avaliação – que tinha como base todos os debates dos últimos anos nas mais diferentes instâncias da CAB –, haveria grandes divergências às nossas críticas e proposições. Reconhecendo que a CAB tinha cumprido um papel importante para a construção organizativa nacional do anarquismo e que existiam posições distintas, com diferentes gradações, sobre os diferentes pontos que mencionávamos, compreendemos que talvez o melhor caminho fosse dar fim à própria CAB, reconhecendo seu esgotamento como ferramenta. Então, aqueles/as que quisessem avançar em termos organizativos (como na nossa proposta) fariam isso, e aqueles/as que não quisessem conformariam um outro fórum ou coordenação.

Ocorreram intensas discussões e diferentes respostas para nosso documento. No entanto, de modo

geral, as demais organizações alinharam-se no sentido de discordar que a dissolução da CAB seria a melhor alternativa. Recusaram, portanto, a proposta de nossas organizações. **Nossa militância, sem perspectivas de resolução dos problemas apontados, e evitando acirrar os conflitos, decidiu deixar a CAB. Informamos, nesta ocasião, que pretendemos nos constituir, logo em breve, como organização política anarquista e avançar para a nacionalização.**

CONFLITO NA FARJ

Paralelamente a isso, no final de 2020, um grupo de militantes da FARJ direcionou à CAB uma solicitação de acompanhamento de uma denúncia interna.

A CAB fez o acompanhamento da denúncia e, nesse período, determinou o congelamento da FARJ. Ao fim do processo, chegou à conclusão de que um setor da organização havia descumprido os critérios indicados para permanência na CAB, desrespeitando indicações e decisões nacionais. Toda a situação provocou falta de confiança política com essa parte da militância e, por consequência, a CAB decidiu que esse grupo não poderá retornar às suas instâncias. Por fim, foi deliberado o descongelamento da identidade política da FARJ, que ficou sob responsabilidade do grupo de militantes que havia feito a denúncia.

Dois anos desde o início do acompanhamento, tendo respeito aos procedimentos, avaliações e deliberações nacionais, a FARJ volta a público e se alinha às demais organizações que hoje deixam a CAB, compartilhando de nossa crítica e da necessidade da construção de uma organização anarquista nacional.

APESAR DAS DIVERGÊNCIAS... RESPEITO E FRATERNIDADE

Mesmo com as divergências de caminhos, reforçamos a necessidade de mantermos relações respeitadas e fraternas entre nossa futura organização e a CAB. Nesses anos de construção conjunta, tivemos aprendizados e amadurecemos como militância anarquista. Mesmo com as diferenças políticas, desejamos que todos possamos nos desenvolver e contribuir com nosso objetivo finalista em comum: a emancipação de todos/as dominados/as. Não temos dúvida de que a luta contra nossos inimigos e por nosso projeto socialista e libertário é maior que as divergências entre nossas organizações, mas acreditamos que, neste momento, esse desligamento se faz necessário para que nossa luta possa avançar.



**ARRIBA LAS/OS QUE LUCHAN!
LUTAR. CRIAR. PODER POPULAR!
ÉTICA. COMPROMISSO. LIBERDADE!**



EM BREVE, UMA NOVA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA ANARQUISTA

CONTATOS

Coletivo Mineiro Popular Anarquista (COMPAP | MG)

 @compamg

Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ | RJ)

  @anarquismorj

Rusga Libertária (RL | MT)

 t.me/RusgaLibertariaMT   @rusgalibertariamt

Organização Anarquista Socialismo Libertária (OASL | SP)

 @OASL_sp  @oasl_sp  @anarquismosp

 www.anarquismosp.org